

Bom sexo e mau sexo – do trabalho ao lazer, do tédio ao prazer

Alexandra Oliveira

Nesta comunicação, vou falar sobre formas de sexualidade que são estigmatizadas, particularmente sobre o sexo comercial ou, em específico, a sexualidade das pessoas envolvidas no comércio do sexo, sejam as pessoas profissionais, sejam os/as seus clientes. Intitulei a comunicação de “Bom sexo e mau sexo” porque tomei a ideia de hierarquia sexual de Gayle Rubin (1984) enquanto base a partir da qual construí este texto.

Rubin é uma feminista e antropóloga dos EUA que é conhecida por ser uma teórica e ativista sobre questões relacionadas com políticas de sexo e género. Rubin, em 1984, apresentou um diagrama a que chamou “O círculo encantado”, no qual caracteriza uma hierarquia sexual, segundo a qual alguns tipos de sexo são vistos como sendo o sexo “bom”, “normal”, “natural” e “legítimo” (que se localizam no interior deste círculo) e outros como sendo o sexo “mau”, “anormal”, “antinatural” e “ilegítimo” e que estão nos limites exteriores do círculo encantado. Os tipos de sexo considerados por Rubin (1984) como estando dentro do círculo encantado são: o sexo heterossexual, entre pessoas casadas, monogâmico, com fins reprodutores, não comercial, em casal, numa relação, entre pessoas da mesma geração, em privado, sem pornografia, envolvendo apenas corpos e baunilha (o sexo baunilha refere-se ao sexo que não é *kinky*); enquanto que os tipos de sexo que correspondem aos “limites exteriores” desse círculo são: o sexo homossexual, entre pessoas que não são casadas, não monogâmico, sem fins reprodutivos, comercial, sozinho ou em grupo, casual, intergeracional, em público, pornografia, envolvendo objetos e sadomasoquista/*kinky*.

Rubin (1984) diz que as sociedades modernas avaliam os comportamentos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valores, em que no topo da hierarquia está o sexo heterossexual marital e com fins reprodutivos; sendo as

categorias sexuais mais desprezadas as das pessoas trans, sadomasoquistas e trabalhadoras do sexo, tais como prostitutas ou atrizes porno.

Os indivíduos cujo comportamento sexual se encontra no mais elevado desta hierarquia são compensados com uma confirmação de boa saúde mental, respeitabilidade, legalidade, apoio institucional e benefícios materiais. À medida que descemos a escala dos comportamentos sexuais, os indivíduos que os praticam são sujeitos à presunção da doença mental, ao descrédito, à criminalidade, à perda de apoio institucional e a sanções económicas (Rubin, 1984).

É o estigma que mantém determinados comportamentos num estatuto baixo, sendo uma sanção efetiva para quem incorrer nesses comportamentos. A moral é uma das superfícies de emergência do estigma. E é a moral, especificamente a moral sexual, que divide a sexualidade em dois tipos. É esta ideia de que há um tipo de sexo que é ilegítimo, anormal e anti-natural que gera a estigmatização, a sanção social, a desvalorização, a descredibilização.

O estigma é uma marca que confere um descrédito profundo (Goffman, 1963). O estigma que recai sobre as pessoas que fazem trabalho sexual é fortíssimo e tem grandes consequências. O estigma desumaniza. O estigma é uma forma de violência e está na base de muitas discriminações. É isto que faz com que as pessoas que vendem sexo, e até os seus clientes, as pessoas ligadas à pornografia e mesmo os praticantes de BDSM sejam descredibilizados, desvalorizados, discriminados, tratados com preconceito; as suas práticas são moralmente condenadas.

Independentemente dessa condenação e da hierarquização que confere um estatuto inferior a certas formas de sexualidade, como o comércio do sexo, a sexualidade *kinky* ou a pornografia, estas formas de sexualidade formam parte da sociedade. No entanto, este olhar desumanizado e os estereótipos impedem-nos de ver as pessoas que realizam este tipo de atividades sexuais como cidadãs plenas, capazes de efetuar escolhas, de ter prazer e de se envolver em atividades de lazer. As relações de intimidade das trabalhadoras do sexo, por exemplo, são reiteradamente descritas como violentas e desprovidas de afeto, tal como a própria sexualidade destas é entendida como pobre e incapaz de proporcionar prazer (e.g. Jeffreys, 1997).

Quer se trate de prostitutas/os, massagistas eróticas/os, acompanhantes, dançarinas/os de striptease, modelos e atores/atrizes de pornografia ou prestadores/as de serviços de BDSM¹ e fetiches, o trabalho sexual e os trabalhadores do sexo estão praticamente em todo o lado (Thomas, 2015). E dependendo do serviço específico envolvido, são procurados por uma pequena, mas substancial

¹ BDSM é um acrónimo para bondage e disciplina, dominação e submissão e sadismo e masoquismo.

parte da população (como no caso da prostituição – e.g. Brewer *et al.*, 2008; Monto & McRee, 2005) ou, até, por uma grande percentagem de adultos (como no caso da pornografia – e.g. Carroll *et al.*, 2008; Gaspar & Carvalheira, 2012).

Numerosas experiências eróticas e/ou sexuais enquadram-se em conceitualizações comuns de lazer, incluindo ler literatura erótica mainstream, ver pornografia, envolver-se em comportamento sexual durante experiências turísticas e participar em atividades consensuais de BDSM (Williams *et al.*, 2020). Compreender as várias sexualidades através de uma perspetiva de lazer permite que práticas sexuais não usuais sejam vistas como um aspeto saudável da vida das pessoas (Thomas, 2015). Tal implica uma perspetiva positiva da sexualidade, ou seja, um enquadramento sexual positivo através do reconhecimento e abordagem de determinadas sexualidades que, em grande parte, são rejeitadas. Desta forma, contribui-se para contrariar a perspetiva dominante segundo a qual nem todo o tipo de sexo é legítimo, ou, tomando de novo Rubin (1984), “bom”.

O sexo é uma fonte de felicidade, uma forma de relaxamento, um local de prazer, uma expressão de liberdade, um meio de alcançar a integridade espiritual e está cada vez mais ligado ao lazer (Attwood & Smith, 2013). Quase ao mesmo tempo que o sexo começava a ser claramente reivindicado como apenas prazer com a permissividade da cultura popular dos anos 60 do século XX e a chegada ao mercado da pílula anticoncepcional (Attwood & Smith, 2013), as pessoas envolvidas na prostituição reivindicavam que aquilo que faziam era trabalho. Foi Carol Leigh (a.k.a. Scarlot Harlot) quem, em 1982, cunhou o termo “*sex work*”, precisamente para salientar os aspetos laborais do trabalho sexual.

O sexo não é uma atividade única ou com um significado singular para todas as pessoas – para muitos, sexo e amor ainda são absolutamente intrínsecos ao relacionamento e à formação de relações íntimas, mas também é evidente que novas formas e características do sexo estão a surgir e que o sexo está a adquirir o seu próprio estatuto como atividade recreativa (Attwood & Smith, 2013). Se pensarmos, por exemplo, nas aplicações de encontros (Tinder, Bumble, Grindr, por exemplo) percebemos como as novas tecnologias estão a contribuir para mudar e moldar os relacionamentos e a forma como lidamos com o sexo. Diversos tipos de relacionamentos sexuais, que no passado não tinham muita expressão, sobretudo entre as mulheres, são hoje mais aceitáveis - “ter um caso”, fazer um “engate” que dura uma noite, o recurso à pornografia e o sexo comercial virtual tornaram-se formas “normais” de expressão da sexualidade.

As motivações, as práticas e as experiências sexuais podem ser percebidas de forma variada e complexa: o sexo pode ser concebido como uma atividade de lazer (Stebbins, 1997) ou entendido como trabalho (eg Oliveira, 2011, 2018; Sanders, 2004; Weitzer, 2009). A definição habitual de turismo sexual diz

que é o turismo com finalidades sexuais comerciais, o que nos remete de forma clara para uma associação entre sexo e lazer (embora esta definição seja reduzida e existam diversos autores a desafiá-la considerando que se trata de um processo complexo – eg Oppermann, 1999). Quando alguém, no âmbito de uma viagem de turismo, procura gratificação sexual comercial, isso implica que existe alguém disposto a prestar esse serviço a troco de alguma recompensa (dinheiro, bens, etc). Na maioria dos casos essa pessoa é um/a profissional para quem a atividade é trabalho. Portanto, temos trabalho e lazer como dois lados dum mesmo relacionamento.

Eu tenho centrado as minhas investigações no comércio do sexo, particularmente nas profissionais do sexo, ou seja, faço investigação com pessoas para quem o sexo é trabalho. As trabalhadoras do sexo têm, no contexto do seu trabalho, relações que são, em regra e por definição, apenas instrumentais, enquanto na sua vida privada têm relações de afeto e prazer (Oliveira, 2011). No que respeita à sexualidade, as prostitutas distinguem claramente as relações que têm com os seus companheiros daquelas que estabelecem com os clientes: com os maridos ou companheiros as relações sexuais são diferentes porque a motivação é erótico-sexual e/ou afetiva, nela havendo lugar para o prazer sexual; com os companheiros elas podem entregar-se à relação e ter orgasmos, enquanto que com os clientes não – a não ser exceccionalmente, como veremos (Oliveira, 2011). É, de acordo com o que afirmam, a diferença entre fazer sexo e fazer amor, sendo impossível fazer amor por dinheiro (Oliveira, 2004). Se elas não devem apaixonar-se nem ter prazer com os clientes, tal como faz parte das suas regras, então a relação sexual comercial é uma relação vigiada (Medeiros, 2000) – o oposto ocorre nas suas vidas privadas. Um exemplo que demonstra isto: embora fazer sexo oral às profissionais do sexo seja solicitado por alguns clientes, são raras as mulheres que permitem que o cliente o faça, porque, entre outras razões, não querem sentir o prazer sexual que esta prática eventualmente lhes poderia proporcionar. Na maior parte das vezes, elas evitam o prazer, estabelecem limites: “tenho a minha vida privada. Eu não posso misturar as coisas, tenho que manter sempre a minha linha. É como uma barreira invisível” (Carla, 30 anos, mulher cis, brasileira, TS interior).

As trabalhadoras do sexo remetem o prazer sexual para a sua vida privada distinguindo claramente as relações que têm com os companheiros ou com os seus parceiros ocasionais não comerciais daquelas que estabelecem com os clientes. Para conseguirem isto, as trabalhadoras do sexo adotam estratégias como, por exemplo, o resguardo de certas partes do corpo (por exemplo, não permitindo que os clientes as beijem), recusam clientes com certas características (como os clientes mais agradáveis ou os clientes mais novos) ou usam técnicas que apressam a finalização da relação sexual nas quais se concentram cons-

cientemente (Oliveira, 2004). Este pensamento que expõe a vontade de finalizar a relação sexual não é exclusivo das prostitutas. O Relatório Hite (2000) dá conta de outras mulheres que fazem as mesmas afirmações. Neste relatório sobre a sexualidade feminina, surge a ideia expressa por muitas mulheres de que já tiveram relações sexuais contra a sua vontade por medo de magoarem os seus companheiros. Neste caso, as mulheres usam cognições que em muito lembram as das prostitutas. Dizem, por exemplo, que esperavam que a relação acabasse o mais rapidamente possível, que não tinham sentimento nenhum ou, ainda, que se sentiam como as prostitutas: “I felt I was prostituted, being used as a whore, with no regard for my desires” (Hite, 2000, p. 445).

Mas com isto não se pretende afirmar que as pessoas que fazem trabalho sexual nunca têm prazer. Numa formação que ministrei a um conjunto de prostitutas, quando confrontadas com a afirmação: “Numa relação sexual por dinheiro não há sentimentos”, inicialmente e de forma unânime, as mulheres concordaram com a frase, mas, logo depois, espontaneamente, cada uma delas foi avançando com outras opiniões: a de que pode haver envolvimento por parte da mulher se ela não tiver companheiro e se sentir afetivamente carente; a de que é possível uma mulher apaixonar-se por um cliente e vice-versa; e a de que podem existir clientes agradáveis que proporcionem prazer sexual (Oliveira, 2011). Embora existam trabalhadores do sexo que admitem que em certas alturas podem ter prazer com alguns clientes, outras negam essa possibilidade e sentem-se culpadas se o obtêm. Uma mulher, num dia em que estava junto dela no momento em que saiu do quarto com o cliente, vinha com sinais de estar embaraçada. Contou-me que aquele cliente, que nem sequer era um cliente habitual, lhe tinha proporcionado prazer sexual, sem que ela tivesse conseguido controlar-se. Estava visivelmente perturbada e expressava-o: “sei que não o devia ter feito... não percebo o que aconteceu... não sei o que ele me fez mas gostei... que vergonha, meu Deus, não devia ter acontecido” (Mónica, 32 anos, mulher cis, portuguesa, TS de rua, cit. in Oliveira, 2011). Ou seja, mesmo que a prática do trabalho sexual tenha ensinado à mulher a colocar uma barreira entre o corpo e a mente, nem sempre o consegue com sucesso.

Então, enquanto o cliente investe sexualmente, as mulheres investem em pensamentos e atos que minimizem o envolvimento emocional na relação (Oliveira, 2004). É aqui que eu diria que o que para uns é prazer para outras é tédio. Aquele comportamento que tem um significado sexual para o cliente tem um sentido utilitário para a mulher que é paga. Ela é uma profissional e, enquanto tal, pagam-lhe para ela efetuar um serviço, esse serviço implica o seu corpo, mas é desempenhado sem qualquer implicação emocional da sua parte. Perguntava a uma mulher que me dizia que as relações sexuais comerciais eram mecanizadas e que não tinham qualquer significado sexual ou afetivo para si, o que pen-

sava durante as relações que tinha com os clientes e ela respondia “em muita coisa”. E eu, “em quê, por exemplo?”. “Olhe, penso na lista de compras que tenho que fazer ou no que vou cozinhar para o jantar”.

Mas também há exceções: a indiferença emocional, a falta de motivação sexual e de prazer podem estar presentes no discurso das trabalhadoras do sexo (e, por regra, é isso que acontece), mas existem outras experiências no comércio do sexo. Em determinadas circunstâncias, podem surgir relações com prazer, amor e afeto (Oliveira, 2011).

Entrevistei uma mulher trans, que na altura da entrevista tinha deixado o sexo comercial havia pouco tempo, que olhava para o trabalho sexual como uma atividade muito positiva e expressava-o constantemente. Defendia que juntava o útil ao agradável e que o fazia sempre por prazer. Veja-se:

Eu adorava ser prostituta, eu se pudesse, hoje, eu adorava ser prostituta. Adorava estar numa casa, numa montra na Holanda. Adorava estar aí. Os meus clientes favoritos, os chavalos. Eu gosto, gosto de sexo, gosto muito de sexo, muito, muito. Então como eu gosto de sexo a melhor maneira de apanhar sexo é a prostituição. Porque tenho os homens que quero, escolho e, pronto, ganho dinheiro e tenho prazer, é juntar o útil ao agradável. É fantástico. (Rosana, 44 anos, mulher trans, portuguesa, TS de rua)

Esta mulher, claramente, mistura sexo e lazer, trabalho e prazer.

Um outro exemplo, neste caso, a partir dos clientes. No âmbito do trabalho sexual, há um serviço que habitualmente se designa por “*the girlfriend experience*” (experiência de namorada) e que se pode definir como um serviço sexual comercial que esbate os limites entre o que é uma transação comercial e o que é uma relação romântica; vai desde uma relação sexual comercial em que a trabalhadora do sexo realiza atos mais pessoais que não são habituais no sexo comercial, tais como beijar, até situações em que um cliente paga a uma profissional do sexo para fingir ser sua namorada durante uma viagem. Eu fiz uma pequena investigação sobre mulheres clientes de sexo comercial e encontrei referências à “*the boyfriend experience*”. Alguns trabalhadores do sexo que atendem mulheres e que eu entrevistei referem que, por vezes, as mulheres recorrem aos seus serviços por mais do que uma noite, contratando-os para seus acompanhantes em festas ou viagens (e.g., “Já cheguei a passar uma semana inteira... uma viagem”; “Sou quase que acompanhante delas... gostam de exibir alguém”). O relacionamento e as formas de sexualidade que emergem nestas experiências de namorado têm significados diferentes consoante o ator implicado: para a mulher cliente não é só sexo, é prazer e lazer; para o trabalhador do sexo será sempre trabalho, mas também podem existir outras componentes nomeadamente o lazer.

O sexo, o sexual, o erótico adquirem significados distintos para diversas pessoas em diferentes ocasiões. Para terminar, vou ilustrar isto com um exemplo claro a partir de um trabalho que orientei sobre mulheres clientes de striptease masculino (Marques, 2013). O striptease masculino representa uma das formas de trabalho sexual, tendo, portanto, associado a si, por definição, uma componente sexual. Apesar disto, uma das principais conclusões desta investigação (Marques, 2013), feita a partir de observações num clube de striptease masculino e de entrevistas a mulheres clientes desse clube, remete para a não valorização desta componente por parte das clientes mulheres. Neste trabalho, concluiu-se que a ida ao striptease masculino representa para as participantes uma oportunidade de socializar com as amigas e de apreciar um espetáculo que percebem como distinto e divertido. Os principais motivos associados à ida a um clube de striptease masculino evocados nesta investigação relacionam-se com a socialização entre amigas, como, por exemplo, em despedidas de solteira ou em festas de anos. Verificámos a existência de uma tendência geral para as participantes se distanciarem da conotação sexual da experiência do striptease masculino, que foi notória em diversos aspetos. Mais concretamente, as participantes não atribuíram um significado sexual ao striptease masculino, não indicaram o elemento sexual como uma das motivações para a ida ao clube, não consideraram o striptease masculino um tipo de trabalho sexual (ainda que o tenham classificado como uma profissão) e não se identificaram como clientes de sexo pago. Todos estes dados contribuem para compreendermos as conceções das participantes no que diz respeito à sua sexualidade, uma vez que parecem ter subjacente uma interiorização dos papéis de género dominantes. Segundo estes papéis, a mulher é perspectivada como a “presa”, a figura passiva que espera pela iniciativa do homem e a compra de sexo por parte da mulher é alvo de estigmatização por ser vista como um comportamento não adequado ao seu género. Assim, é possível que ao terem esta perceção, as participantes, com o intuito de fugir ao estigma, procurem desassociar a componente sexual e o striptease masculino.

E, desta forma, acabamos como começamos: há um sexo que é “mau”, “anormal”, “antinatural” e “ilegítimo” que gera a estigmatização, a sanção social, a desvalorização e a descredibilização. Este dado que indica que as mulheres que recorrem ao trabalho sexual não assumem que o fazem, negando que a atividade de striptease tem uma componente sexual, pode ser interpretado como uma tentativa de escapar à estigmatização, à sanção social, ao desvalor. Este sexo, que é mau, que é lazer para uns/umas, é trabalho para outros; é prazer, mas também tédio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Attwood, F. & Smith, C. (2013). More sex! Better sex! Sex is fucking brilliant! Sex, sex, sex, SEX. In T. Blackshaw (Ed.), *Routledge Handbook of Leisure Studies* (pp. 325-342). Routledge.
- Brewer, D. D., Roberts Jr., J. M., Muth, S. Q. & Potterat, J. J. (2008). Prevalence of male clients of prostitute women in the United States. *Human Organization*, 67, 346-356.
- Carroll, J. S., Padilla-Walker, L. M., Nelson, L. J., Olson, C. D., McNamara Barry, C., & Madsen, S. D. (2008). Generation XXX: Pornography acceptance and use among emerging adults. *Journal of Adolescent Research*, 23(1), 6-30. <https://doi.org/10.1177/0743558407306348>
- Gaspar, M. J. & Carvalheira, A. (2012). O consumo de pornografia na internet numa amostra de mulheres portuguesas. *Psychology, Community & Health*, 1(2), 163-171. <https://doi.org/10.23668/psycharchives.2227>
- Goffman, E. (1963). *Stigmate. Les usages sociaux des handicaps*. Les Editions de Minuit.
- Hite, S. (2000). *The new Hite Report. The revolutionary report on female sexuality updated*. Hamlyn.
- Jeffreys, S. (1997). *The idea of prostitution*. Spinifex Press.
- Marques, C. (2013) *As mulheres clientes de sexo comercial: Um estudo exploratório sobre as clientes de strip-tease masculino*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Medeiros, R. (2000). *Hablan las putas. Sobre prácticas sexuales, preservativos y SIDA en el mundo de la prostitución*. Virus Editorial.
- Monto, M. A. & McRee, N. (2005). A comparison of the male customers of female street prostitutes with national samples of men. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 49(5), 505-529. <https://doi.org/10.1177/0306624X04272975>
- Oliveira, A. (2004). *As vendedoras de ilusões. Estudo sobre prostituição, alterne e striptease*. Editorial Notícias.
- Oliveira, A. (2011). *Andar na vida. Prostituição de rua e reação social*. Almedina.
- Oliveira, A. (2018) Turning perspectives on migrant sex workers inside out: From the current criminalisation and victimisation to the need of rights and legalisation. In S. A. Fitzgerald & K. McGarry (Eds.), *Realizing justice for sex workers: An agenda for change* (pp. 141-160). Rowman & Littlefield International.
- Oppermann, M. (1999). Sex tourism. *Annals of Tourism Research*, 26, 2, 251-266.
- Rubin, G. (1984). "Thinking sex": notes for a radical theory of the politics of sexuality. In C. Vance (Ed.), *Pleasure and danger: Exploring female sexuality* (pp. 267-319). Routledge and Kegan Paul.
- Sanders, T. (2004). *Sex Work. A risky business*. Willan.
- Stebbins, R. (1997). Casual leisure: A conceptual statement. *Leisure Studies*, 16, 17-25. <https://doi.org/10.1080/026143697375485>.

- Thomas, J. N. (2015). Responding to academic critiques of sex work: Practical suggestions from a sex-positive perspective. *Journal of Positive Sexuality*, 1, 18-22. <https://doi.org/10.51681/1.114>
- Weitzer, R. (2009). Sociology of sex work. *Annual Review of Sociology*, 35(1), 213-234.
- Williams, D. J., Prior, E. E. & Vincent, J. (2020). Positive sexuality as a guide for leisure research and practice addressing sexual interests and behaviors. *Leisure Sciences*, 42(3-4), 275-288. <https://doi.org/10.1080/01490400.2020.1712276>